

O COMÉRCIO DO BRÁS E A INSERÇÃO DOS MIGRANTES NACIONAIS, ASIÁTICOS E LATINOS

Sueli de Castro Gomes¹

INTRODUÇÃO

Com o propósito de entender melhor a presença do comércio de retalhos no Brás² recuperei alguns estudos sobre a formação do Brás, distrito do município de São Paulo que o identificava como um bairro de migrantes, operários e revelamos as suas principais transformações.

O bairro do Brás é um dos locais mais antigos da cidade de São Paulo; hoje compondo o centro expandido, está localizado a leste da cidade. Foi ocupado inicialmente por chácaras que abasteciam São Paulo no século passado. Situado próximo da várzea do Rio Tamandateí, sofria constantemente com o problema das enchentes, sendo uma das áreas mais insalubres e portanto, de menor custo para a moradia, ocupada por uma população de baixa renda.

Atualmente, o Brás é reconhecido como um dos maiores centros comerciais da América Latina, que atrai sacoleiros não só de todo o território nacional, mas também de outros países, como por exemplo encontramos a presença de um grupo de sacoleiros africanos, constatada durante os trabalhos de campo. Esse comércio além de atrair um grande número de sacoleiros insere uma diversidade de grupos de migrantes, como os nordestinos, coreanos e bolivianos de formas diferenciadas.

O BRÁS ITALIANO

O Brás é conhecido como um bairro operário ou bairro popular, por ser um bairro industrial, um dos primeiros a concentrar indústrias em São Paulo. Entre essa população encontram-se os imigrantes estrangeiros. Dessa maneira, a caracterização do Brás como um bairro de imigrantes nasce com alguns marcos fundamentais que seria; dentre eles, a implantação da Hospedaria do Imigrante, juntamente com a linha ferroviária cruzando o bairro. Encontramos autores como Caio Prado Jr., Ebe Reale, Andrade e Martin que ressaltam a importância das ferrovias - Estrada de Ferro do Norte (1877) e São Paulo Railway - SPR depois, Santos-Jundiaí (1867) - para viabilizar tanto a economia cafeeira

¹ Departamento de Geografia/USP
arysueli@ig.com.br

² O comércio de retalhos consiste na venda tanto do resíduo da indústria de confecção, como o retalho, às vezes bobinas inteiras, peças com defeito ou padrão fora de moda. Essa atividade é controlada, principalmente por nordestinos e foi objeto de estudo no nível mestrado.

como também a indústria nascente, modificando o espaço da cidade. Essa estrutura vinha para servir a economia cafeeira, que necessitava escoar seu produto e transportar a mão-de-obra para trabalhar nas suas lavouras.

Com o propósito de alojar a mão de obra para a lavoura cafeeira foi construída a Hospedaria do Imigrante; próxima das duas estações ferroviárias do Brás, foi inaugurada em 1887 e tinha capacidade para alojar, aproximadamente, 4 000 pessoas. E assim chegavam os italianos, espanhóis, portugueses, árabes, japoneses e outros grupos de imigrantes em menor número. Conforme mostram os estudos, a localização da Hospedaria do Imigrante ocorre em função da xenofobia de parte da elite que se fazia presente, pois inicialmente foi projetada para ocupar os Campos Elíseos, entretanto, foi transferida por uma -

“estratégia da elite de segregar os imigrantes, dos bairros ditos burgueses.”
(ANDRADE:1994, 99).

Dessa forma, a Hospedaria do Imigrante foi um pólo aglutinador de migrantes, que se estabeleceram aos seus arredores, forma-se um grande número de habitações populares em seu entorno. Algumas famílias retornavam das lavouras, ou por causa da crise da cafeicultura (1930), ou fugindo das péssimas condições de trabalho nas fazendas de café. Aqueles que vinham com passagem paga pelo governo e optavam por ficar na cidade, na verdade burlavam as regras do Serviço de Imigração. Eles teriam que descer na Hospedaria no Brás para acertar o contrato de trabalho junto aos fazendeiros ou seus representantes. O fato de eles escolherem a cidade para se estabelecer estava relacionado ao mercado de trabalho urbano, que aumentava em função da nascente industrialização. (ANDRADE, 1991)

A quantidade de imigrantes na cidade preocupava a elite. O preconceito e a discriminação se agravava com o surto de cólera que se alastrou entre os imigrantes recém chegados, cogitando-se a remoção da Hospedaria que, para os deputados punha em risco a população da cidade. O contraste da paisagem materializava esse segregacionismo, onde de um lado, as elites buscavam “embelezar” a sua parte da cidade com parques e bulevares e no outro lado do rio ficavam os lixões, ruas enlameadas, sem água e esgotos. (ANDRADE, 1991)

O Brás se configurava como um bairro operário, com a instalação das indústrias, principalmente têxteis e outros bens de consumo, pois o fluxo de imigrantes estrangeiros, principalmente os italianos, se reorientava para permanecer na cidade e não mais nas lavouras, pois a indústria mobilizava essa mão de obra.

Posteriormente a essa primeira fase da industrialização brasileira, as indústrias tradicionais de tecidos desaparecem, devido a sua obsolescência tecnológica, eliminando as empresas que não se modernizaram, no entanto, havia outro tipo de indústria em plena

expansão que é a indústria de confecções. Essa alimentará a continuidade do comércio, nas ruas do Brás, como veremos mais adiante.

Para MARTIN (1984) a condição de migrante estrangeiro levava esses grupos a constituírem verdadeiros “guetos” onde, isolados culturalmente, tinham dificuldade de entender o seu bairro como parte da totalidade da cidade e de sua classe no seu país. Daí não haver lutas urbanas, e as lutas sindicais se encerravam nas questões monoclássistas, enquanto a “consciência urbana” era pluriclássista. Os italianos traziam o Movimento Anarquista e disseminavam as suas idéias no movimento operário e pelas ruas do Brás.

Até os dias de hoje o Brás é chamado, por alguns, de bairro italiano. Quando andamos por suas ruas reconhecemos algumas construções que documentam a época em que a população imigrante italiana representava uma grande parcela da população de São Paulo. Identificamos as pizzarias tradicionais, as vilas operárias ou então escutamos algum idoso falando em italiano.

O imaginário de uma Itália tinha sido recriado nas ruas, com suas histórias do além-mar, sua cultura e seus costumes. Os imigrantes moravam nos cortiços, nas vilas operárias e nos “quintões”, tinham sempre uma arquitetura que gerava intimidade. As portas e as janelas, próximas da rua e sempre abertas, tinham que dividir muitas vezes os tanques, os varais e os banheiros. Enfim, havia uma vida em comum entre as famílias. As relações de vizinhança e solidariedade eram muito fortes e isso aparecia mais explicitamente nas festas das vilas - *“Aqui em São João, nós fazia festa, aqui dançava quadrilha, era uma maravilha o Brás”*. (Angelo Agnello - atual morador do Brás)³. Se por um lado, essas relações de vizinhança cultivavam a solidariedade, eram também, uma forma de controle social e moral daquela comunidade.

No entanto o processo de metropolização imprimiu grandes transformações nesse espaço. Aos poucos, os italianos que adquiriram um capital maior iam para bairros mais nobres, com maior conforto; outros que não suportavam o preço dos aluguéis, buscavam os novos loteamentos que apareciam. O Brás começou a se desestruturar e a unidade a se fragmentar em função da metropolização.

O bairro operário industrial se transforma paulatinamente em um distrito comercial, fruto da segregação espacial em que os italianos sofriam, no início do século XX, pois não eram discriminados nas áreas centrais da cidade. Dessa maneira, o Brás ganha características de centro comercial.

³ Os depoimentos de Angelo Agnello, Osvaldo Matiello, Dina Enriquez, Jaime Cuberos, José Duarte de Oliveira foram retirados do documentário da TV Cultura “Brás: Memória em Pedacos”, realizados pelas jornalistas Neide Duarte e Maria Cristina Polli.

O Estado deixa de promover a migração externa e passa a estimular a migração interna. A concepção de *Kystos Étnicos* que ameaçam a nacionalidade e a integridade territorial do país se fazem presentes, então ocorre a preocupação com o grande contingente de migrantes externos.

O BRÁS NORDESTINO

Algumas medidas restritivas à imigração foram implementadas pelo Estado, desestimulando-a. A partir dos anos 30, principalmente na Segunda Guerra Mundial, deixa-se de promover esse fluxo. Enquanto isso, havia uma crise agrária, ou melhor, uma pressão exercida por um grande contingente populacional, cada vez maior, sobre a estrutura fundiária. O estímulo à migração interna aparece, assim, como uma forma de controle social e político.

O desenvolvimento industrial brasileiro impulsionou o acelerado crescimento urbano, próprio da metropolização. A cidade passa então a concentrar o fluxo migratório interno de trabalhadores expulsos do campo. Estes, por sua vez, recriaram os espaços da cidade de São Paulo, destacando o Bairro do Brás. Nesse contexto, *“até 1940 haviam entrado cerca de 1,2 milhões de migrantes nacionais, principalmente nordestinos, no estado de São Paulo. Daí até 1970 chegariam mais de 4,5 milhões, sendo que 1,5 habitam o município.”* (MARTIN, 1984: 170) Nesse quadro poderemos entender a presença dos nordestinos, mobilizados pelo capital, que se estabelecem no Brás, e o tem como referência.

Os nordestinos elegeram o Brás como uma das áreas de concentração. Os antigos casarões passaram por subdivisões servindo de abrigo para os migrantes que ali residiam e ainda residem, em condições totalmente insalubres: são os cortiços. Assim, o Brás deixa de se destacar como um bairro italiano e passa a ser nordestino. Conforme AYALA (1982), *“ficou no bairro a “infra-estrutura” montada para receber, ainda que temporariamente, novos trabalhadores pobres, em seus cortiços, pensões e hotéis de má qualidade que margeiam a estação ferroviária”* (p.31). Essa autora, vai desenvolver sua pesquisa sobre os aspectos da cantoria nordestina e em um dos capítulos acaba retratando o Brás, como um espaço de encontro dos repentistas nos anos 50, 60 e 70. Ela destaca o espaço simbólico, que o Brás representa para os nordestinos, e demarca os anos 50 como o *“início da nordestinização do Brás”*.

A Hospedaria passou a receber o migrante nacional, que chegava na Estação do Brás, ele vem para trabalhar na indústria, na construção civil, na limpeza etc. Esse fluxo permanece até hoje, como tratado anteriormente. Os hotéis e pensões são a segunda forma de abrigar esses migrantes.

“As ruas mais próximas da Estação Presidente Roosevelt, nome atual da antiga Estação do Norte, são marcadas pela presença de hotéis e pensões de vários níveis e por um comércio varejista mais popular.” (REALE, 1982: 58)

Boa parte desses hotéis eram controlados por portugueses e espanhóis, assim como os restaurantes; eram mais de vinte hotéis nos anos 50. Muitos serviam à alta rotatividade e à prostituição. Contam os depoimentos de alguns ex-proprietários, que um desses hotéis criou um Santuário de Nossa Senhora. Quando os nordestinos chegavam deixavam uma contribuição para pagar a graça alcançada e esses mesmos hotéis “embolsavam” a doação.

O cantor e compositor baiano, de Irará, Tom Zé compôs a música Correio da Estação do Brás inspirado na Estação do Norte, que veio intitular seu disco, em 1978: “Eu viajo Quinta feira/ Feira de Santana/ quem quiser mandar recado/ Remeter pacote/ Uma carta cativante/ A rua numerada/ O nome maiúsculo...”

Na praça, em frente à estação ferroviária do Brás, ao lado do Largo da Concórdia, há uns anos atrás, haviam “Kombis” de agenciadores ou “gatos” que ofereciam empregos de vigias, de faxineiros, de caseiros, e na construção civil⁴. Eles agenciavam para dentro e para fora do Estado de São Paulo. Nos depoimentos de nordestinos que chegaram em São Paulo nos anos 50, colhidos por ESTRELA (1999), aparece o registro de agências especializadas “em ludibriar os sertanejos que chegavam” (p. 183) no Brás.

A imagem do “Brás da Malandragem”, ocorre desde 1891, quando as Atas da Câmara, registram o pedido de providência para os indivíduos oportunistas que se aproveitavam dos recém chegados, segundo AYALA (1982). O bairro, também, foi caracterizado pela desordem: “*afloresce o mundo da picardia, Brás das malandragens, das brigas, das batidas policiais, do ‘rapa’.*” (p. 40). Assim, registra o cordel, *A malandragem do Brás*, de 1957, do cantador Lourival Bandeira.

Tanto o Largo da Concórdia, a Estação Roosevelt ou o Largo da Estação do Norte (Roosevelt) foram as primeiras referências para os recém chegados migrantes nordestinos. Lá era o ponto de parada dos caminhões e depois dos ônibus. Os caminhões “pau-de-arara” paravam na rua, em frente à Avicultura Valença do Norte (no largo da Concórdia, nº 126). Em 1950, os “pau-de-araras” são proibidos, embora continuem até meados da década de 50. O primeiro ônibus, pertenceu ao baiano Altino; ele saía do Hotel Carioca, e retornava lotado. As linhas de ônibus foram ampliadas, principalmente depois que a Rio-Bahia foi asfaltada, em 1963. As agências de passagens e os pontos rodoviários vão para a Rua Cavalheiro, pois não existia estação rodoviária.

⁴ Quando fizemos a pesquisa de Iniciação Científica em 1988 era possível ver com tranquilidade essas peruas.

Simultaneamente, há uma ampliação dos ônibus urbanos e a população vai ocupar os loteamentos periféricos da Grande São Paulo. Muitos terminais municipais são instalados no Largo da Concórdia. A interligação do Brás com a periferia, fortalece o seu centro comercial, em função, principalmente, da população nordestina. Então, como registra AYALA (1982):

“As imediações da Estação do Norte, mais especificamente o espaço compreendido entre a Avenida Rangel Pestana e a Rua Visconde de Parnaíba, partindo da Almeida Lima, que ladeia a Estação do Norte, começou a ganhar características nordestinas, quer pelos transeuntes, quer pelas lojas de comércio. Pequenas lojas, bazares, bares, casas de lanches, 'casas do Norte' (vendendo produtos alimentícios regionais), agências de passagens para o Nordeste, pontos de ônibus interestaduais, hotéis e pensões de baixa categoria instalaram-se nesse local.” (p. 44)

Atualmente, encontramos nas ruas do Brás, as lojas com produtos típicos nordestinos, empresas de ônibus que, no conjunto, caracterizam um terminal rodoviário clandestino⁵, transportadoras com seus caminhões, fazendo ligações diretas para o Nordeste e os Forrós. A pesquisa de JACQZ (1982) faz referência à localização de alguns “focos” nordestinos, que evidenciaram certos bairros “bem nordestinos”, em razão dos “trens baianos na estação Roosevelt e à presença das agências de ônibus para o Norte.”. Continua a autora:

“Ali se concentra ainda hoje as lojas tipicamente nordestinas, onde pode-se comprar chapéus de vaqueiros, violão e sanfonas, discos de música sertaneja; encontra-se também os ingredientes típicos da comida nordestina, como óleo de dendê, carne de sol, etc...” (JACQZ, 1982: 107)

Tanto AYALA (1982), como ÂNGELO (1996) registram a chegada dos primeiros cantadores na “terra da Garoa”:

“Guriatã desembarcou em São Paulo, mais precisamente na antiga ‘Estação do Norte’ em São Paulo” no dia 10 de dezembro de 1946. Naquela época segundo ele, ‘cantoria era sinônimo de vadiagem’”. (p. 69)

Havia uma discriminação intensa naquele período com os nordestinos, em especial os cantadores, cordelistas e repentistas, como mostra o seguinte registro:

⁵ São 35 empresas: 3 delas são registradas e as outras, clandestinas, como foi relatado em um depoimento e constatado no artigo de jornal (F.S.P.- 27.05.2001)

“...os cantadores, que faziam do Brás, o seu principal reduto, não reconhecidos, como profissionais do verso e viola, mas sim como arruaceiros, desocupados, pessoas desqualificadas para o trabalho. Isto é, a discriminação era brabíssima, forçando uma enérgica intervenção do compositor e radialista Venâncio (Marcos Cavalcanti de Albuquerque), que à época fazia dupla com Curumba (Manoel José do Espírito Santo) e mantinha um programa de grande sucesso na extinta Rádio Marconi”... “A viúva Maria José de Britto, a dona Zezé, recorda com uma indisfarçável pontinha de saudade.

- Venâncio era uma pessoa conhecida aqui em São Paulo, onde chegou comigo em 1956. Ele sentia muito particularmente o drama de seus conterrâneos cordelistas e cantadores, tanto que os tirou do Brás e os levou para o centro da cidade, numa situação bem melhor do que a de antes, onde tinham a persegui-los constantemente policiais.” (ÂNGELO, 1996: 81)

Vejamos esse registro no fragmento desse cordel:

<i>“Os nossos irmãos do Norte</i>	<i>Cada um pede aos poetas</i>
<i>Sempre vão no Brás</i>	<i>que relembre o seu sertão</i>
<i>Escutam os violeiros</i>	<i>Cantam versos de improviso</i>
<i>Pedem tema e tudo mais</i>	<i>Tema de amor e canção</i>
<i>Tomando pinga do Norte</i>	<i>Comem carne e rapadura</i>
<i>Que lembrança sempre traz.</i>	<i>Com batida e limão.”</i>

(João de Barros)⁶

Essa perseguição aos cantadores, repentistas vai ser mais intensa nos anos da ditadura militar, sendo que entre 66 e 70, eles deixam de se encontrar nos bares do Brás⁷.

A brutalidade no desarmamento dos nordestinos que chegavam na Estação era constante, como mostra a pesquisa de ESTRELA (1999):

“Nas décadas de 40 e 50, temos informações de que a polícia paulista se estabelecia na “Estação do Norte “para desarmar os indivíduos que procediam de vários pontos do Nordeste, em deslavado abuso.” (p. 122)

⁶ Folheto de Cordel. O que faz o Nordestino em São Paulo. p.6-7.in JACQZ e in ESTRELA (p. 73).

⁷ Apenas Zé Miguel insistia em se apresentar e foi preso várias vezes.

A 'Estação do Norte', representava também espaço de lazer, naqueles anos; era o ponto de encontro dos conterrâneos. Muitos nordestinos, que moravam em São Paulo, iam todos os fim de semana, religiosamente, à Estação do Norte para ver os "*nortistas chegando*" (p. 166) ou então, "*marcam encontro na frente da Estação do Norte por causa do vício do tempo do ônibus.*" (Januário in AYALA, 1982: 44).

Na tese de AYALA, ela recupera historicamente o ponto de encontro das cantorias no Brás como, em 1950, a avicultura Valença do Norte, no Largo da Concórdia; Bar Damasco, na rua Almeida Lima; em 1960, havia Bar do Rato Branco, na R. Almeida Lima; Bar e Lanches Aeroporto dos Nordestinos, na Rua Cavalheiro; Recanto dos Poetas Repentistas, na rua Paulo Afonso. Nos anos 70, surge a Casa do Conterrâneo(sic) ou Academia dos Poetas Repentistas, na R. Brigadeiro Machado. Nesse momento, muitos intelectuais e estudantes universitários freqüentavam o espaço, também. O Recanto dos Poetas Repentistas era freqüentado pelos trabalhadores de menor poder aquisitivo, e a Casa do Conterrâneo (sic) pela classe média e universitários. O Bar do Zé Minhoca, na R. Paulo Afonso foi um dos últimos a receber as cantorias no Brás, nos fins dos anos 70. Estas se mudam para outros espaços da Grande São Paulo. Encontramos alguns elementos materializados que demarcam a presença nordestina como a rua Coronel Trancoso, com lojas de CDs especializada em Forró, que no sábado se torna um ponto de concentração, onde, também, ocorre um "arrastapé" no bar Estrela do Forró. Na rua Almirante Barroso está localizada a Editora Luzeiro, especializada em literatura de cordel. Ela existe há 80 anos e foi fundada por portugueses. Nas ruas em torno da Estação, o comércio de alimentos e outros artefatos típicos do nordeste é grande, tomando alguns quarteirões. Na rua Gomes Cardim está instalada a sede da ANESP –Associação de Nordestinos do Estado de São Paulo, essa entidade existe há 15 anos. Ela publica um jornal chamado "Eco Nordestino" e funciona como uma associação de bairro. Veja parte de seu editorial:

"O Eco-Nordestino é o único jornal dirigido à comunidade nordestina e luta pela mesma. Já fora plantado várias árvores em parceria com a Secretaria do Verde e Regional da Sé. Acreditamos que o asfalto da rua Gomes Cardim estará concluído até o final do mês, algumas lixeiras também foram instaladas, a Rua de Cultura e Laser já inauguramos, na rua 21 de Abril, 188 já inauguramos a biblioteca, sala de computação e a creche já está atendendo 10 crianças e alojamento para algumas famílias. Junto a VITAL TURISMO e outras agências temos conseguido passagens para ajudar alguns conterrâneos a voltar para sua terra natal.

Ao anunciar no Jornal Eco-Nordestino você estará ajudando neste projeto, que é a nossa luta. Não queremos apoio de nenhum Órgão Governamental, só assim nos sentimos livres, o que queremos e o que estamos realizando e levar ao sacoleiro,

ao médio e pequeno empresário as empresas aonde eles devem comprar em São Paulo. Pois os ônibus que chegam do norte-nordeste enfim, do Brasil inteiro, são os nossos homens e mulheres que vão gerando renda neste país.

Queremos agradecer aos nossos patrocinadores que é com o anúncio deles que mantemos os nossos projetos, nas mãos das crianças de hoje está o futuro do amanhã que já começou.“

(Francis Bezerra, outubro de 2001)

Como o texto mostra, a prefeitura junto com a associação, criou a rua de Cultura e Lazer Nordestina; nessa rua ocorrem brincadeiras para as crianças e um forró no palco. Na sua inauguração estavam presentes três mil pessoas, segundo o artigo do jornal.

Outros depoimentos, mostram o Brás, como o local de estudo noturno, havendo cursos técnicos e de alfabetização, para aquela população não escolarizada que estava chegando na cidade. Dessa forma o Brás foi se consolidando como um território dos nordestinos.

Os migrantes, por sua vez, buscam novas estratégias de sobrevivência, na economia informal, seja como camelôs⁸, que se multiplicam pelas calçadas, seja como catadores de papel ou até mesmo como retalheiros (referente à venda de retalhos ou resíduos de tecidos das confecções).

A Hospedaria do Imigrante foi desativada do seu papel inicial e se tornou o Museu da Imigração, denominado de Memorial do Imigrantes e outra parte em albergue para moradores de rua, denominado de Arsenal. A paisagem das ruas do Brás torna-se caótica: muitas lojas, propagandas coloridas, aglomeração de camelôs nas calçadas que dificultam a passagem dos pedestres, além da poluição sonora provocada pelos comerciantes. Para o antigo morador, o Largo da Concórdia representava o espaço de lazer, *footing* como D. Dina nos contou, e hoje está deteriorado; isso aparecerá na afirmação do Sr Jaime:

“Ah! Bom, era bem mais bonito. Hoje é o camelódromo, aí, imenso. Desde a década de 50 pra cá,... esse fluxo de nordestinos que desembarcavam aqui próximo, ali numa ruazinha do lado lá que era uma espécie de aeroporto, o pessoal chamava de aeroporto de nordestinos, mas vinha os ônibus do Nordeste...”

Conversando com alguns antigos moradores do Brás, todos atribuem a queda da qualidade de vida do bairro e a sua fragmentação, à chegada do migrante nordestino; é um

imaginário que acaba sendo discriminador e que cria estigmas, os mesmos que os migrantes italianos sofreram no começo do século pela aristocracia cafeeira.

Quando EVERS et alli discutem as diferentes formas de organização nos movimentos e a troca de experiências, ela fala da percepção dos moradores dos bairros, os quais fixam-se nesses tipos de distinção *“para guardar distância e hierarquia, dentro dessa estrita vizinhança e miséria comum. Em alguns bairros existe uma linha divisória invisível entre a parte do bairro em que vive gente “decente”(sic) e aquela que mora gente considerada ‘ má’.* (EVERS et al., 1982: 128)

O bairro reproduz em seu interior, em escala reduzida, a segregação urbana entre os bairros ‘bons’ e os ‘maus’ à qual deve a sua própria existência. Ainda EVERS et al. continuam e citam o exemplo de São Paulo:

“Nos bairros periféricos de São Paulo encontramos uma clara escala de prestígio social conforme a procedência: primeiro, os que nasceram em São Paulo (centro industrial); segundo, os imigrantes de Minas Gerais (mineiro, industrial e agrícola); terceiro, os do Sul do país (agricultura de clima temperado, mais intensiva); e por último os do Norte (agricultura tropical, mais extensiva).” (EVERS et al., 1982: 128)

As autoras concluem que não devemos estabelecer uma situação de classe comum, pois indivíduos com características heterogêneas que ocupam o mesmo bairro, como o que ocorre no Brás, possuem consciências e experiências diferenciadas. Estas propõem, para superar essas distâncias, as lutas coletivas, em que as experiências são unificadoras; percebendo as causas comuns dos problemas, esses grupos estarão acima das diversidades.

O BRÁS METROPOLIZADO

Não podemos deixar de citar outro grupo étnico que veio mais recentemente ocupar as vilas e cortiços do Brás - são os bolivianos, que trabalham na costura para os coreanos nas suas confecções ou em suas próprias moradias. SILVA (1997), em sua dissertação de mestrado, registra as condições insalubres e de escravidão dos bolivianos, estudando a sua trajetória em São Paulo. Assim como os nordestinos, também os bolivianos representaram a quebra das relações de vizinhança para o antigo morador do Brás italiano, vejamos isso na fala da família Agnello que mora em uma Vila Operária:

⁸A sede do sindicato dos Camelôs está situado no Brás, sendo referência para os Camelôs, muitos deles, Nordestinos.

“Italianos, descendente de italianos, somos só nós duas aqui, (...). Eles têm outros costumes. (...) Eles ficam até tarde, eles põem alta as músicas para poder trabalhar.” (Maria Agnello)

“Era o Brás... O Brás era uma maravilha, tudo família... Difícil... tem uns que nem cumprimenta a gente. Incrível viu! (...) Ah! Maria, tá horrível”. (Angelo Agnello)

“Hoje não, eu passo esporadicamente, aqui em alguma circunstância qualquer. Hoje é passagem rápida, por aqui a gente se sente estranho, sente até uma certa hostilidade até no ambiente...” (Jaime Cuberos)

Esses sentimentos dos antigos moradores do Brás em relação ao Bairro, só podem ser explicados pelos processos que eles estão envolvidos e não pelo movimento aparente que os novos moradores, ou as novas correntes migratórias representam. Vejamos a leitura de MARTIN sobre esse distanciamento e hostilidade do antigos moradores:

“Além disso a pulverização do centro tende a promover a completa perda de identidade entre o habitante e o espaço, o que repercute na psicologia e cultura.” (MARTIN, 1984: 164)

O Brás hoje se tornou um bairro de passagem, um bairro conhecido em todo o território nacional pela quantidade de sacoleiros que vão comprar as mercadorias que são revendidas por todo país. Para o antigo morador, já não existe mais identidade com o lugar, o que resta são as memórias. Porém, ficam aqui algumas questões. Qual será o significado do Bairro para os novos moradores nordestinos, bolivianos e coreanos? Existe a construção de relações de vizinhança e solidariedade dentro desses grupos? Enfim, são questões que merecem estudos mais aprofundados.

O Brás passa, então, a ser um espaço fragmentado, sofrendo com o processo de metropolização. A Grande São Paulo cresce mais uma vez atraindo a mão de obra, principalmente nordestina, com o desenvolvimento industrial.

As fábricas instalam-se, nesse momento, ao longo dos eixos viários, como nas rodovias Anchieta, Castelo Branco, Fernão Dias, Dutra, Imigrantes, Anhanguera etc. Muitas das fábricas localizavam-se nos municípios periféricos, no entorno da cidade de São Paulo como Osasco, região do Grande ABC- municípios de Santo André, São Bernardo e São Caetano- Cotia, Guarulhos etc. Nessas áreas se fixou a mão-de-obra necessária, formando novos bairros na franja da metrópole e não mais nas vilas operárias ou os cortiços centrais que abrigavam esses trabalhadores.

Na leitura de *A Estrutura Territorial da Metrópole Sul Brasileira* de Flávio VILLAÇA (1978) o autor mostra como o crescimento espacial da metrópole segue os eixos da ferrovia e das rodovias que determinam a sua estrutura territorial.

“No que toca aos meios de transporte, a atual estrutura territorial das metrópoles do sul do país foi muito influenciada pela ferrovia. Não apenas no tocante a direções e intensidade da expansão física, mas também quanto à distribuição territorial das camadas sociais, o desenvolvimento, localização, tamanho e natureza dos subcentros de comércio e serviços, além, evidentemente de ter influenciado a localização das indústrias.”(p. 91)

A valorização do solo e sua renda é um elemento significativo para analisarmos essas transformações. O Brás torna-se um bairro central que tem parte da sua área sendo valorizada para o comércio, e o preço do “ponto” se eleva, enquanto uma outra parte está em processo de desvalorização, principalmente para o uso de residências e indústrias de grande porte.

“O preço seleciona o uso, fazendo surgir simultaneamente a segregação social no espaço urbano e a deterioração da centralidade.” (MARTIN, 1994: 112).

O Bairro começa a ser abandonado pelos imigrantes enriquecidos pelo progresso de suas oficinas; outros, são expulsos pela impossibilidade de pagar altos aluguéis e procuram loteamentos recém formados nas periferias da cidade, junto às novas áreas industriais. Ao estudarmos o processo de metropolização, encontramos em LANGENBUCH (1971) elementos que melhor identificam esse crescimento: Para o autor o início da metropolização da Grande São Paulo ocorre entre o período de 1915 à 1940. Ele recupera a formação dos novos loteamentos, originando novos bairros. Enquanto isso, o Brás sofre algumas transformações - *“A compactação da cidade , a partir de 1940, envolve a área do Brás.”* (p. 179)

Comparando os anos 40, 50 e 60 houve um decréscimo da população no bairro do Brás. O recenseamento mostra uma variação da sua população - em 1940 havia 80.225 habitantes, em 1950 decaiu para 68.135 habitantes e em 1960, continua declinando para 64.061 habitantes. Esses dados são o apoio para a seguinte análise:

“O decréscimo demográfico, verificado nos três subdistritos referidos corresponde, visivelmente, a uma retração do uso residencial do solo, que cede diante da expansão local do setor terciário de atividades (Sé, Brás) e das indústrias (Brás, Moóca).” (LANGENBUCH, 1971: 252)

Seu adensamento, que vem desde a última década do séc. XIX, é viabilizado pela ferrovia e posteriormente pelo metrô. Meios de transporte que permitem a acessibilidade, atraindo atividades centrais e pessoas, segundo a pesquisa de VILLAÇA (1978), são elementos importantes para compreender nosso objeto.

O Brás passa pela política do "arrasa quarteirão". Para efeito de ilustração seria bom salientar que para a construção da Radial Leste, praticamente quase 20% (vinte por cento) dos imóveis foram demolidos; depois veio a construção do Metrô e mais uma vez a população do Brás seria sacrificada. A descaracterização do bairro foi muito rápida, principalmente a perda da solidariedade de vizinhança e o respeito pela coletividade.

O Brás do comércio expande-se nessa fase do processo de metropolização. Vamos recuperar a gênese do comércio do Brás, baseado na pesquisa e reflexão de VILLAÇA (1978). A importância do Brás como bairro comercial foi ressaltada nessa dissertação, concluindo ser esse o primeiro subcentro comercial das metrópoles estudadas pelo autor (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte) pelo autor.

“o primeiro subcentro diversificado de negócios, esse subcentro é popular pois atende a uma zona de influência onde predominam as camadas de baixa renda.”
(p. 108)

As primeiras atividades comerciais nascem com os imigrantes ou descendentes de italianos que acumulam capital e investem nessa atividade, como segue a afirmação:

“O Brás foi o principal núcleo de imigrantes italianos que se formou em São Paulo no final do século passado. Ali se enquistou um grupo étnico que inicialmente viveu bastante segregado do restante da população paulistana. Isso muito contribuiu para que o Brás se tornasse um bairro com intensa vida própria, diferente da do restante da cidade e dela independente. Essa segregação inicial fez com que seus moradores freqüentassem pouco o centro da cidade e com isso criou-se, no próprio bairro, uma grande e prematura demanda para o comércio e serviços. Até o início dos anos 40 o Brás permaneceu quase como uma cidade autônoma dentro de São Paulo. O grande desenvolvimento de suas lojas e serviços é uma clara manifestação desse isolamento, pois reforçava-o ao mesmo tempo que se beneficiava dele.” (p. 321 –322)

A pesquisa de REALE registra o início do comércio no Brás da seguinte maneira:

“Paralelamente ao surto industrial, foi se desenvolvendo também o comércio do bairro. Estendia-se sobretudo ao longo da Av. Rangel Pestana, desde a Caetano

Pinto até as porteiras. As principais casas eram: a “Fricana” de fazendas, a “Casa Almeida e Castro”, de louças, a “Joalheira Laurentis”, a casa de móveis “Paschoal Bianco” e a “Casa Pirani”. Esta última, fundada por Rodolfo Pirani em 1886, dedicava-se inicialmente ao ramo de importação e objetos para presentes.” (REALE, 1986: 24)

Esses elementos nos subsidiaram para entender que o Brás, enquanto bairro comercial, não surgiu depois do recuo da sua industrialização, mas nasceu concomitante ao processo de desenvolvimento industrial. O Brás é sempre lembrado como o berço da industrialização, mas pouco foi tratado como “o berço do comércio”.

Vejamos o desenvolvimento comercial, como segue o fragmento abaixo:

“O Brás importante bairro de São Paulo, já podia ser considerado um subcentro na década de 20. Nos anos 40, as lojas, cinemas e restaurantes do Brás se incluíam dentre os maiores de São Paulo. Nos anos 50, as lojas do Brás abriam filiais no centro de São Paulo.” (VILLAÇA, 1978: 309/325)

Além de explicar o processo do desenvolvimento comercial, em razão da segregação dos migrantes italianos e portanto gerando uma certa “independência” do comércio central, ligado as elites. O autor ainda indica outros fatores que estimulam esse desenvolvimento como:

“Brás é fruto da Estação do Norte, ou que esse terminal ferroviário foi fator determinante do surgimento do Brás, como grande subcentro diversificado.” (p. 122)

E complementa:

“Entretanto, existe base teórica e empírica suficiente para se acreditar que o terminal ferroviário apenas, não explica suficientemente a permanência e o porte do Brás como centro comercial.” (VILLAÇA, 1978: 123).

Outro fator importante que vai explicar a expansão desse comércio e que será mais bem discutido no próximo capítulo é o mercado consumidor composto por uma população de baixa renda, isto é, a inclusão dessa população na sociedade de mercado.

“Foi assim que, à medida que as camadas populares ascendiam como mercado consumidor, suas lojas e serviços começaram a aparecer também nos centros de nossas metrópoles, nas áreas abandonadas ou desprezadas pelos estabelecimentos que atendiam as elites.” (VILLAÇA: 1978: 297)

Segundo ANDRADE (1991), a pesquisa de VILLAÇA (1978) mostra uma “*outra via de ascensão*”. Se por um lado a indústria tradicional recuou, como vimos anteriormente, o comércio e a indústria de confecções expandiram-se, caracterizando o bairro de uma outra maneira. Vejamos algumas considerações sobre a organização do comércio nas ruas do Brás:

“a rua Piratininga é o centro de peças usadas e máquinas, mas também com o ramo do couro e madeiras, que aos poucos vai ocupando a rua do Gasômetro, ou então também o de roupas, articulado às pequenas fábricas em torno das ruas Oriente e Maria Marcolina, reduto da colônia ‘oriental’ do Brás (árabes, judeus, e agora também coreanos). (...) O comércio atacadista se fortaleceu, o que indiretamente ajudou a deterioração do Bairro.” (MARTIN, 1984: 169, 172)

O estudo de REALE, publicado em 1982, identifica essas especializações no centro comercial do bairro, que se expandiu e atualmente ocupa uma área muito maior que a citada nessas pesquisas.

“O centro comercial do bairro é a Av. Rangel Pestana onde se localizam as melhores lojas e as casas bancárias. Nas ruas Oriente e Maria Marcolina concentram-se fábricas de confecções que vendem diretamente ao consumidor, seja no varejo, seja no atacado. Já a Rua Piratininga vai caracterizar-se pela sua especialização no comércio de peças e acessórios para automóveis e pelas lojas de ferro velho.” (p. 51)

Na rua Bresser e arredores, vemos uma grande quantidade de lojas com artigos de cama e mesa, voltado para a classe de baixa renda, atacado e varejo. Enfim, as ruas do Brás se especializaram em determinados setores, de acordo com as mercadorias, possibilitando ao consumidor maior diversidade e a proximidade dessas unidades facilita o seu maior consumo, pois elas são uma referência, tanto em escala local como nacional, e por ser uma referência atraem o maior número de consumidores. Para MARTIN (1984), o fortalecimento do comércio atacadista auxilia no processo de deterioração.

O Brás passa por um processo de recriação, onde a indústria de confecção e o seu comércio vai se expandindo pouco a pouco, até a sua hegemonia nas ruas do bairro. O crescimento urbano implica uma reorganização desses espaços já ocupados. A indústria e o comércio de confecções, vestuário em geral, além do fato de ser hegemônica, alimentará com o seu rejeito um outro comércio: o de retalhos e resíduos⁹.

⁹ Para saber mais ler GOMES (2002)

O crescimento dessa indústria de confecções está relacionado com o crescimento de outra corrente migratória, que foi ganhando grande visibilidade no Brás – são os coreanos que migraram para o Brasil, predominantemente, para São Paulo. Assim, recuperar a evolução da indústria da confecção é tratar, também, das estratégias de inclusão dos coreanos. Para realizar tal percurso nos reportamos à dissertação de CHOI (1991), como segue a síntese.

Nos anos 90, cerca de 90% dos coreanos viviam direta ou indiretamente ligados ao comércio de roupas. São 40.000 coreanos e seus descendentes, que vivem em território brasileiro, sendo que 96,84% moram na cidade de São Paulo.

O início desse processo, como registra CHOI (1991), ocorre dessa forma:

“Muitos começaram vendendo mercadorias coreanas ou adquiridas durante a viagem. Para tanto, iam de casa em casa como vendedoras ambulantes (principalmente as mulheres). Ainda que inexperientes, vendiam com facilidade, pois os produtos estrangeiros tinham boa aceitação no mercado. A atividade excedeu a todas as expectativas.”...“Pouco a pouco, os coreanos iniciaram-se em uma outra atividade: a fabricação de roupas, auxiliados pelo emprego de mão-de-obra barata de seus conterrâneos, conseguiram expandir rapidamente seus negócios.” (p. 95)

A autora segue o relato desse processo:

“Soo San Kin foi a primeira pessoa que teve a idéia de montar uma confecção, ao perceber a falta de mercadoria que havia para vender. Depois de pesquisar modelos e cores do agrado dos brasileiro, suas roupas, conjuntos e cobertores, utilizam-se apenas de duas ou de três máquinas de costura. Trabalhavam em seus próprios apartamentos. Como não dispunham de maiores recursos, colocavam o tecido no chão e cortavam com a tesoura, de forma ainda bem rudimentar, diferente do alto grau de sofisticação das confecções atuais.”...“A grande demanda obrigou-os ao emprego de mão de obra complementar, composta por conterrâneos desprovidos de capital. Nesta época, ninguém imaginava que essa atividades tornar-se-iam a base da sobrevivência dos coreanos em São Paulo até hoje.” (p. 95 - 96)

Na década de 70, chegam imigrantes coreanos com capital para estabelecerem a sua própria confecção. Os que vinham sem capital, faziam empréstimo ou trabalhavam de empregados de seus conterrâneos. Essa atividade se concentrou principalmente no Bom

Retiro e no Brás. Em meados de 1980, a atividade era considerada de fácil acesso, pois não exigia muito capital.

“Nessa atividade loja-confecção muitos coreanos obtiveram lucros razoáveis. Entretanto, em pouco tempo o mercado ficou saturado pelo grande número dos que se dedicavam à atividade.” (p. 105)

A disputa pelo mercado era acirrada, mas não atingia diretamente aos coreanos. Pois há uma especialização do mercado, na medida em que trabalham em segmentos diferentes: os japoneses se especializaram no ramo de roupas infantis, israelitas mantinham fábricas e lojas de tecidos, e assim por diante.

Algumas estratégias foram usadas para o rápido crescimento dessa atividade, como: *“a ampliação do prazo dado pelos confeccionistas ou atacadistas para a venda, que passou a ser 60 a 90 dias” (p. 105)*; investir o mínimo em propaganda; a prática do vale, que depois será trocado por um cheque, evitando os roubos e testando os modelos das confecções e suas vendas; sempre atentos a indústria da moda e por fim destacando um dos ingredientes fundamentais desse crescimento – as relações de trabalho. *“O fato dos coreanos colocar suas roupas à venda por preços menores despertou desconfiança dos comerciantes já estabelecidos. Dizia um comerciante local: ‘Entre eles, não há sábado, domingo ou feriado. Da avó ao neto de três anos, todos trabalham em regime absurdo. São autênticos senhores feudais, construindo castelos fantasmas e provocando desequilíbrio seríssimo em nosso comércio’”(p. 107).* CHOI deixa de fazer uma análise mais aprofundada dessas relações de trabalho, destacando as diferenças culturais e seus valores, sobrepondo a discriminação e o estigma. Na nossa leitura, essas relações de trabalho, basicamente familiar e, também, no primeiro momento apoiados na exploração do contrabando clandestino e, atualmente, na clandestinidade dos bolivianos, foram um dos mecanismos de crescimento dessa indústria de confecções no Brás e Bom Retiro. Como afirma Romeu Tuma, são relações de trabalho que utilizam”... *o medo dos ilegais de serem expulsos para submetê-los a um sistema de trabalho escravo nas oficinas ocultas da chamada Vila coreana” (E.S.P.-18.03.01)*, ou então como será tratado na pesquisa de SILVA (1997). Até 1982, haviam cerca de 12.000 coreanos¹⁰ vivendo na clandestinidade, quando é dado a anistia; entretanto simultaneamente havia o ingresso de milhares de bolivianos ilegais, movidos pelo mercado dinâmico no Brasil e pelas péssimas condições sócio-econômicas na Bolívia, eles seguiam a rota dos coreanos, que entravam pelas fronteiras da Bolívia. Essa forma de trabalho é que permitirá os baixos custos das confecções e assim seu crescimento rápido. Segundo CHOI (1991):

¹⁰ Fonte: Jornal Dong-a in CHOI (1991).

“Os confeccionistas costumam obter uma margem de lucro entre 50 a 100%, enquanto os intermediários atacadistas, ficam com algo em torno de 20 a 25%”. (p. 108)

O sonho da ascensão social alimentou essa expansão como refere CHOI. Enfim, com sucessos e fracassos eles foram ocupando as ruas do Brás, agitando o seu mercado imobiliário. Muitos, insatisfeitos com o preço dos aluguéis cobrados, estão entrando no setor imobiliário e construindo shoppings como – Shopping Center Luz (localizado na antiga rodoviária de São Paulo) e outros menores que se seguiram. O Brás, Pari e a Moóca continuam como zonas de operações no mundo das confecções.

Vejamos alguns dados, que podem dimensionar o que são esses shoppings, e a sua importância. Em 1983 é inaugurado o Fashion Shopping Brás, depois em 1988 o Fashion Center Luz, depois, o Polo Moda, Brás Center, Shopping Box (1993). São shoppings atacadistas, isto é, a compra no mínimo deve ser de seis peças. Não é preciso apresentar o CGC e nem a nota fiscal da empresa para efetuar a compra. Essas condições atraem as “sacoleiras”, nome popular dado as revendedoras da moda, de todo o país:

“No Brás Center, a grande maioria vem do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e interior de São Paulo”. “Na Polo Moda, 60% dos visitantes são ‘sacoleiras’- que compram roupas para vender de maneira informal (porta em porta ou em uma loja improvisada dentro de casa). No Fashion Center Luz, elas são 80% do público,...” (F.S.P. 15.08.93).

Esses shoppings, para atrair maior clientela, oferecem uma estrutura para as pessoas que vêm de fora da cidade, como: transporte gratuito que passa pela rodoviária, alguns hotéis, guarda volumes, banheiros com chuveiro, áreas de descanso e carrinhos para transportar as compras no shopping, entre outros. Além dos shoppings, continuam as lojas de rua, que comercializam as confecções. Todos esse comércio que congrega confecção - loja no setor de vestuários produzem uma enorme quantidade de rejeitos - retalhos e resíduos. Esses rejeitos são os tecidos com defeito, “fora da moda”, ou ainda a sobra das peças depois do corte, que se tornam mercadorias e novamente entram no circuito.

CONSIDERAÇÕES

As transformações que o bairro do Brás sofre ao longo do tempo estão relacionadas com o crescimento da cidade e da metrópole sob o processo de modernização e a racionalização do capital, para a sua ampliação. Hoje, o bairro do Brás está interligado com várias partes do território nacional. Essa enorme quantidade de ônibus trazendo “sacoleiras” de várias partes do Brasil, carregando mercadorias do Brás para o restante do país, concretizam uma malha, uma rede de mercadorias e pessoas.

Encontramos na rede da *Internet*, um *site* – www.lojasdobrás.com.br - que traz informações para as sacoleiras. Além das diversas lojas e outros links, entre eles aparecem duas lojas de tecidos, localizadas na área de estudo; encontramos outras informações como a história do bairro, bem como um mapa indicando a sua localização e as suas ruas. O mapa de localização representa um Brás de fácil acesso para quem chega na Grande São Paulo e, assim, a facilidade de realizar compras, para os sacoleiros. Essa forma de representação, que segue os interesses do capital para o escoamento da mercadoria, não segue a escala, traz uma distorção cartográfica. O referido *site*, também, traz os endereços das empresas de ônibus, localizadas nos diversos estados brasileiros, que oferecem excursões para o Brás, transportando os sacoleiros. Essa informação revela os fluxos e as conexões entre o Brás e os diversos pontos do espaço nacional, trazendo esse elemento do processo de modernização.

Nessa rede, o Brás é um “nó”, um ponto de apoio. Há uma nova configuração espacial, nas transformações que o bairro passou. Esse “nó” ou território “local” é o suporte no qual a rede pode se apoiar. A modernidade¹¹ trouxe a racionalidade do espaço, transformando esses em vértices, arestas, linhas, nós, aglomerados. A rede de migrantes e a rede do comércio de confecções ou comércio de retalhos são redes que se superpõem e têm o seu ordenamento, formam uma malha de homens e mercadorias ou uma malha de múltiplos territórios. HAESBAERT (1995) cita DEMATTEIS (1992) que define a cidade como:

“... ‘um conjunto de nós pertencentes a diferentes redes’, ‘um conjunto de sujeitos fisicamente coexistentes, mas que pertencem a redes de organização diferentes e cujos os interesses podem divergir à escala local, (...) Assim o espaço físico de cada cidade seria a sede de vários ‘nós’ pertencendo a sistemas diferentes, cada um com forma de enraizamento local (relações ‘verticais’) distintas’.” (Apud HAESBAERT, 1994: 182).

Para DEMATTEIS, a cidade ainda permanece um mercado unitário de trabalho e de habitação. Entretanto, nos interessa a definição de *nó*:

“... ‘unidade físico-espacial’, um sistema ambiental-local dotado de sua própria coesão interna, graças à qual ele é capaz de participar de uma coesão mais ampla da rede.” (Apud HAESBAERT, 1994: 182).

Para entendermos o Brás, que deixou de ser um bairro e passou a ser fragmentos ou um nó, procuramos trabalhos que tratassem desse bairro-território como a pesquisa de

¹¹ BERMAN, Marshall. 1987.

MARTIN (1984) e ANDRADE (1994), ANDRADE (2000), SEABRA (2000) e de MUMFORD (1969).

O Bairro é formado por relações de vizinhança que constróem e dão significado aos lugares. Para Lewis Mumford considerar as relações de vizinhança para o planejamento urbano é essencial : *“El barrio es un hecho social; existe en forma incipiente aun cuando no esté articulado debidamente en el plano de la ciudad no proporcione las instituciones que en la ciudad Ni proporcione las instituciones que en la actualidad necesita la comunidad doméstica.”* Podemos aprofundar esse conceito quando pensamos também em um recorte étnico e sócio-econômico na delimitação deste espaço. Na medida que houve um avanço do capital na reprodução do espaço urbano o recorte sócio-econômico ganha maior evidência que o étnico, mas isso não significa que ele desaparece, pois mudam se as etnias conforme mudam os fluxos migratórios e esses são alterados de acordo com as exigências do capital. As relações de vizinhança, que se estabelecem no bairro, são denominadas nos estudos migratórios pelos sociólogos de redes sociais. Esses conceitos se aproximam muito e se cruzam entre num estudo entre migração e bairro. Para entendermos melhor essa reflexão, vejamos o caso dos bairros de São Paulo. A partir de estudos dos bairros Além-Tietê Seabra (2000) faz a seguinte observação:

“Assim, a temática da cidade e seus bairros precisa ser enfocada como circunstância do processo de urbanização cujo sentido é o de ‘separar e mobilizar’, para integrar às cadeias de equivalência, ou aos circuitos monetários, relações, produtos e coisas. A metrópole não está dada. A metrópole vai ganhando realidade como síntese de um gigantesco processo mobilizador e concentrador, que produz uma outra espacialidade do urbano”. (SEABRA, 2000: 12)

Para entendermos a atual configuração do Brás é necessário inseri-lo no processo de metropolização, revelando-o como um lugar da reprodução do capital.

Estudamos o Brás desde o início desse século, recebendo um grande fluxo de migração estrangeira (europeus e asiáticos) atraídos e incentivados pelas frentes de trabalho e as atividades econômicas que exigiam este exército de reserva, consolidando o bairro. Em um momento posterior, há uma mudança na economia e na política migratória, em que o migrante estrangeiro é substituído pelo nacional, e estes últimos recriaram os bairros ou formaram novos bairros no processo de metropolização.

O bairro do Brás, enquanto espaço das relações de vizinhança já não existe mais. Ele sofre um processo de deterioração como foi estudado por MARTIN, ou de dissolução como afirma ANDRADE, apoiada nos estudos de LEFEBVRE. Andrade (1991) atribui essa dissolução dos laços sociais a elementos como: o abandono dos imigrantes enriquecidos; a

ascensão e o declínio de empresas; a expulsão dos trabalhadores que iam para a periferia; a expulsão dos moradores pelas fábricas que se expandiam.

Atualmente, diante da racionalidade que a modernidade impõe não o vemos mais como um bairro, mas um espaço fragmentado, que ao mesmo tempo é o nó da rede de mercadorias e pessoas, que possibilita a ampliação do capital.

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, Assis. “A presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo”. In: *Cidade*. Ano 2. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. 1995
- _____. *A presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo*. São Paulo: IBRASA, 1996. 123 p.
- ANDRADE, Margarida Maria de. “Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho”. Tese de Doutorado em Geografia. Departamento de Geografia da FFLCH – USP. São Paulo: 1991.
- _____. “Brás, Moóca e Belenzinho – ‘bairros italianos’ na São Paulo além-Tamanduateí?”. *Revista do Departamento de Geografia*. FFLCH – USP. São Paulo, v.8, p.97-102, 1994. 252 p.
- _____. “Brás, Moóca e Belenzinho, Formação e Dissolução dos Antigos Bairros ‘Italianos’ Além Tamanduateí. In: *Travessia*, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n° 38. p.5-10, set.-dez, 2000.
- AYALA, Maria Ignez. *No Arranco do Grito (Aspectos da Cantoria Nordestina)*. São Paulo: 1982. Tese de Doutorado da FFLCH da USP. p.29-97.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no Ar. Aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia de Letras, 1987. 347 p.
- CHOI, Joa Keum. *Além do Arco Íris: a imigração coreana no Brasil*. Dissertação de mestrado em História. Departamento de História da FFLCH – USP. São Paulo: 1991.
- ESTRELA, Eli S. *Os Sampauleiros do Alto Sertão da Bahia (Cotidiano e Representações)*. Dissertação de Mestrado em Geografia - Departamento de Geografia da FFLCH – USP. São Paulo: 1999. 209 p.
- EVERS, Tilman et alii. “Movimentos de Bairro e Estado: lutas na esfera da reprodução na América Latina”. In: *Cidade, Povo e Poder*. Rio de Janeiro: Co-Edições. CEDEC/Paz e Terra, 1982.
- HASBAERT COSTA, Rogério *Gaiúchos no Nordeste. Modernidade, Desterritorialização e Identidade*. Tese de Doutorado em Geografia – Departamento de Geografia da FFLCH – USP. São Paulo: 1995
- _____. “Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão”. In: *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.165-205, 1995.
- JACQZ, Irene. *Integração dos Imigrantes Nordestinos em São Paulo: assimilação ou não*. São Paulo (mimeo). 1982.
- LANGENBUCH, J. R. *A Estruturação da Grande São Paulo – estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, IBGE, 1971.
- MARTIN, André Roberto. *O Bairro do Brás e “A Deterioração Urbana”*. Dissertação de Mestrado em Geografia - Departamento de Geografia da FFLCH - USP, São Paulo: 1984. 187 p.
- MUMFORD, Lewis. *Perspectivas Urbanas*. Buenos Aires: Ed. Emecé, p.93-120. 1969.
- PRADO JR, Caio. *A Cidade de São Paulo – geografia e história*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1983. 93 p.
- REALE, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins – Três bairros, três mundos*. São Paulo: Edusp, 1982.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima Seabra. “Urbanização, Bairro e Vida de Bairro” in: *Travessia*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n° 38. p.11-17, set.-dez, 2000.
- SILVA, Sidney A. da. *Costurando Sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997. 292 p.

VILLAÇA, Flávio. *A Estrutura Territorial da Metrópole Sul Brasileira: áreas residenciais e comerciais*. Tese de Doutorado FFLCH-USP - Departamento de Geografia, São Paulo, 1978. 358 p.

Artigos em Jornais:

SP concentra shoppings de atacado. *Folha de São Paulo*, São Paulo (13.08.93), p.1 -2 Caderno: Tudo

SP tem 52 terminais de ônibus clandestinos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, (27.05.2001), p. 1 -3. Caderno: Cidade

Há escravos em São Paulo...*O Estado de São Paulo*, São Paulo, (18.03.2001) – LAZO, Albino Ruiz. Caderno Cidades

Jornal Eco Nordeste – (São Paulo, outubro de 2001) - BEZERRA, Francis

Site pesquisados:

www.lojasdobrás.com.br acesso em 10/2001